



Donald Trump e a imigração: o que esperar do próximo ano

A imigração foi um de seus focos de campanha, com promessas de políticas mais rigorosas e deportações em massa

A remoção de milhões de trabalhadores da construção, hospitalidade e agricultura poderia reduzir o produto interno bruto dos EUA em US\$ 1,7 trilhão.

Lara Barth

À medida que o dia 20 de janeiro se aproxima, o ritmo de transição de governo fica mais intenso, com o iminente retorno do ex-presidente, e agora presidente eleito, Donald Trump à Casa Branca, e a saída do governo democrata de Joe Biden. Alguns assistem ansiosamente à aproximação da data com muita esperança, outros, temerosos, mas todos com a certeza de que o país viverá grandes mudanças nos próximos quatro anos de partido republicano no poder.

Para muitos imigrantes, isso significará um aumento na pressão para regularizar sua situação ou enfrentar a ameaça constante de deportação, especialmente para aqueles sem documentos ou beneficiários de programas do governo. A imigração foi um dos focos de campanha de Trump de 2024, com promessas de restauração de políticas mais rigorosas para conter a imigração ilegal

e proteger as fronteiras dos Estados Unidos. Ele propôs uma maior intensificação das deportações, incluindo a remoção em massa de imigrantes indocumentados. Em sua campanha, ele apelou aos eleitores conservadores e àqueles preocupados com o que considera ser uma imigração descontrolada, prometendo restaurar a “segurança” e “soberania” nacional, ao mesmo tempo em que busca posicionar-se como o líder que pode “salvar” o país da crise migratória. Para Trump, o controle da imigração ilegal é uma questão de segurança nacional e, por isso, continua a ser um tema dominante em sua retórica eleitoral.

No final do mês passado, o presidente eleito ameaçou taxar em 25% todos os produtos do México e do Canadá que entrarem no país, como uma de suas primeiras ações após a posse. Segundo ele, as tarifas permanecerão em vigor até que os dois países tomem medidas rigorosas contra o tráfico

de drogas, principalmente de fentanil, e contra o fluxo de imigrantes ilegais. A afirmativa gerou respostas de ambos países fronteiriços, que advertiram que a ameaça de impor tarifas pesadas sobre produtos de dois grandes parceiros comerciais do país prejudicaria as economias de todos os envolvidos, podendo agravar a inflação e atingir os mercados de trabalho. Líderes e outras autoridades de alto escalão pediram diálogo e cooperação do presidente eleito americano.

Universidades americanas também já preparam seus estudantes estrangeiros em férias no exterior a voltarem aos EUA antes de Donald Trump tomar posse, e têm realizado uma série de eventos para esclarecer dúvidas dos alunos sobre o que pode mudar a partir do ano que vem. Em um fórum no dia 12 de novembro, professores da Faculdade de Direito da Universidade de Nova York (NYU) afirmaram que há grande pro-

habilidade de instituições com programas de diversidade e inclusão enfrentarem processos na Justiça

O clima geral se assemelha muito à antecipação pré-Trump em 2017. Mas o que realmente aconteceu no primeiro governo do ex-presidente e como isso pode nos preparar para o ano que vem?

Desde o início de seu governo, Donald Trump adotou uma postura agressiva em relação à imigração. Nos primeiros dias como presidente, ele assinou uma ordem executiva suspendendo a chegada de refugiados por 120 dias e proibindo a entrada de cidadãos de sete países de maioria muçulmana por 90 dias. Ele anunciou o fim do programa DACA, que protegia cerca de 800 mil imigrantes indocumentados que chegaram aos EUA ainda crianças. Trump também implementou a política de “tolerância zero”, que resultou na separação de pais e filhos imigrantes ao cru-

zarem ilegalmente a fronteira, uma das imagens mais marcantes de seu governo. O projeto do muro na fronteira com o México, uma promessa central de sua administração, também gerou grande controvérsia e levou à maior paralisação parcial do governo dos EUA em dezembro de 2018, quando Trump exigiu 5,7 bilhões de dólares para sua construção.

Em sua última campanha, o republicano intensificou o seu discurso anti-imigrantes, afirmando que estes “envenenam o sangue do país” e responsabilizando-os tanto pelo aumento da criminalidade – sem fundamento – como pelo aumento nos preços de moradia. Além disso, afirmou sem provas que há países como a Venezuela que supostamente estão esvaziando suas prisões e instituições para doentes mentais enviando essas pessoas para os Estados Unidos.

Acontece que a comunidade de imigrante tem do seu lado

um poderoso aliado na economia. O Conselho Americano de Imigração estimou que poderia custar US\$ 88 bilhões anualmente para deportar um milhão de pessoas por ano. A remoção de milhões de trabalhadores da construção, hospitalidade e agricultura poderia reduzir o produto interno bruto dos EUA em US\$ 1,7 trilhão. Isso significaria que várias indústrias-chave, como agricultura e construção, enfrentariam sérios problemas com escassez de mão de obra e inflação crescente. O relatório também revelou que a Flórida perderia cerca de 5% de sua população, ou cerca de 1 milhão de residentes indocumentados.

Não é possível prever com certeza o rumo que as medidas presidenciais de Trump irão tomar, mas um bom remédio para a insegurança é se manter sempre informado de seus direitos e das possibilidades, a fim de se preparar para o que vem no futuro.

Brasileiros nos EUA são de exatas e formados em universidades paulistas

Um número cada vez maior de brasileiros têm ido para os Estados Unidos, seja a lazer, estudo ou trabalho. Em 2023, por exemplo, o governo americano emitiu 28.050 green cards (documento de residência permanente) para cidadãos do Brasil – o maior volume da história.

Entre 2021 e 2023, pouco mais de 3,5 mil brasileiros fo-

ram contratados por empresas dos EUA, segundo um novo levantamento elaborado pela AG Immigration.

De acordo com a pesquisa, do total de brasileiros contratados nesse período, 1.669 (32,8%) tinham ensino superior. As graduações mais comuns entre eles foram Administração (333), Engenharia Elétrica ou Eletrônica (149),

Ciência da Computação (133), Engenharia Mecânica (105) e Direito (58).

Formações em outros campos do conhecimento, como Publicidade e Propaganda (37), Comunicação (31), Relações Internacionais (14) e Educação Física (10), também aparecem entre os brasileiros contratados por companhias dos EUA, ainda que em menor

frequência.

O levantamento da AG Immigration também analisou as instituições de ensino de formação dos brasileiros, com base nas informações apontadas pelos empregadores americanos no momento da admissão desses profissionais.

A escola mais citada foi a Universidade de São Paulo, com 63 graduados sendo

contratados por empresas dos EUA entre 2021 e 2023, seguida por Mackenzie (45), Unip (44), FGV (27) e FEI (24).

A primeira universidade fora de São Paulo a aparecer na lista é a PUC-Rio, com 18 graduados indo trabalhar nos EUA entre 2021 e 2023.

“É uma lista que se assemelha com os vários rankings que existem sobre as melho-

res instituições acadêmicas, mas com diferenças significativa, incluindo, a presença de faculdades voltadas especificamente para o ensino de engenharia e tecnologia, reforçando um movimento de fuga de cérebros nessas áreas do Brasil para os EUA”, alerta Leda.

Fonte: AG Immigration